

# MANUFATURANDO MUNDOS SEGUNDO O CONSTRUCIONISMO CRÍTICO

**Leonardo Domingos Braga da Silva<sup>1</sup>**

PPGFIL/UFRN: <https://orcid.org/0000-0003-3926-4321>

DOI: [10.21680/1982-1662.2021v4n30ID23434](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2021v4n30ID23434)

DE SOUSA FILHO, Alípio. **Tudo é construído tudo é revogável: A teoria construcionista crítica nas ciências humanas.** São Paulo: Cortez, 2017.

O tema do livro, tudo é construído tudo é revogável, é a realidade em geral como problema teórico, em especial a realidade social. Um questionar sobre o que fundamenta a realidade na qual a existência humana se dá, e a realidade fundamental humana propriamente. Nesse sentido, é um questionar ontológico, que concebe o fundamento de toda realidade humana como ser coisa construída, concepção que seria paradigmática das ciências humanas, podendo identificar, segundo o autor, os fundadores dessa abordagem em Marx, Freud e Durkheim. O elemento crítico da teoria social é explicado pelo autor como devendo ser entendido como um perceber, entender e uma atitude face ao que é mantido como ‘a realidade’. A crítica pode levar a transformação do sujeito por questionar os modos de conhecimento estabelecidos promovendo um desassujeitamento.

Assim, o livro vem trazer tanto para especialistas das humanidades, quanto para estudiosos de outras áreas e mesmo para o público leigo, uma sólida exposição dos fundamentos de uma compreensão científica da sociedade, da cultura e do humano, na qual a existência humana é compreendida como atividade e resultado de múltiplos processos humanos. Não sendo preciso recorrer a explicações genéticas, biológicas, naturalizantes ou metafísicas, o livro vem repeli-las e ressituar as

---

<sup>1</sup> E-mail: [leonardoxistimans@live.com](mailto:leonardoxistimans@live.com)

explicações das humanidades no centro do debate contemporâneo sobre o que significa ser humano. Para tanto, o autor se valerá largamente da psicanálise de Freud e Lacan, da antropologia de autores como Claude Lévi-Strauss, Clifford Geertz e Maurice Godelier, da leitura de Michel Foucault da história e subjetividade, de Martin Heidegger, Giorgio Agamben, Slavoj Žižek, Friedrich Nietzsche e mesmo o pensamento de Karl Marx e Cornelius Castoriadis também figuram como importantes na obra. Não deixando de fora sociólogos como Durkheim, Althusser, Bourdieu, Peter Berger e Michel Maffesoli.

O autor, Alípio de Sousa Filho é professor titular da UFRN, fundador da revista *Bagoas*, primeiro periódico acadêmico dedicado aos estudos gays na América do sul, ativista pelos direitos civis LGBT e luta contra as diversas discriminações. Escreve sobre o tema da ideologia e crítica da ideologia, crítica a ideologia do punitivismo e contra biologizações e naturalizações do humano.

O primeiro capítulo do livro põe as bases para a compreensão construcionista, elaborando o significado do termo construção e realidade. O segundo apresenta a teoria do arbitrário social como fundamento da realidade e opõe essa última ao real. O terceiro capítulo elabora os fundamentos ônticos e ontológicos do humano, expondo a história da espécie e da formação individual, ainda rebatendo compreensões naturalizantes. O penúltimo capítulo se detém na ideologia como dispositivo padrão dos sistemas sociais ao encobrir os fundamentos arbitrários, contingentes, expostos nos capítulos precedentes. O último capítulo trata da possibilidade de uma atitude de superação da ideologia por parte dos sujeitos.

O autor distingue o construtivismo da sua própria abordagem, pois têm consequências diferentes. Já a desconstrução derridiana tem bastante em comum com o construcionismo crítico, pois segue uma linha de crítica à metafísica tradicional inaugurada por Heidegger com sua destruição da história da ontoteologia, perspectiva antecipada por Marx, Nietzsche e Freud. A desconstrução é uma estratégia de leitura e interpretação em que não existe nada fora do texto, ou seja, qualquer significado transcendental. Derrida permitiu enxergar a realidade em caráter textual; a realidade é também escritura e deve ser lida suas noções de verdade, conhecimento, vida, razão, devem ser entendidas num trabalho de produção, construção, citação, repetição. A desconstrução proposta pelo autor de “tudo é construído tudo é revogável” é a da pseudoconcreticidade da realidade.

O autor elenca diversos estudos sociais que consideram os sistemas de sociedade como construções sociais e históricas que procuram se validar no imaginário e no simbólico. O construído se institucionaliza, objetiva-se e produz seu regime de verdade, de modo que a realidade tem semblante de totalidade fechada, concluída; mas é, em seu cerne, faltosa e precária. O real é o lastro donde a realidade extrai seus elementos.

Conforme o autor existem duas principais posições sobre a origem da linguagem: surgiu por mutação genética recente na história da espécie ou por meio de processo dialético de retroação. A visão genética diz que é vantajoso o comportamento colaborativo e comunicativo, apoia visões de toda sorte sobre caracteres naturais no comportamento humano, e toma toda a vida humana como um processar de dados. A visão dialética, além de diversas pesquisas em humanidades para endossa-la, possui reforço por parte de pesquisas sobre a natureza do cérebro e sobre a evolução da espécie, pois mostram que ao longo do processo de exteriorização, de trabalho sobre a realidade, a espécie sofreu retroação positiva, isto é, foi modificada pela realidade por ela modificada. A anatomia atual do sapiens data de apenas 200 mil anos, seu comportamento complexo, de 50 mil anos; mas o primeiro primata Bípede tem 6 milhões de anos; isso mostra um enorme tempo para o efeito dessa dialética que permitiu a “autocriação” do humano por processo de agir e ser agido pela realidade. Devendo considerar o que há de universal e invariante na existência humana como algum resultado do fato de humanos experimentarem experiências comuns em sua exteriorização de si.

Ainda que não se fechando para as contribuições de diversas disciplinas, o autor critica as ciências da saúde e biológicas quando elas pedem às ciências humanas que deixem suas premissas, afirmando que no humano o biológico não se determina como presença, mas como ausência. O ser humano é constituído pela falta de especialização e orientação biológica. A falta de algum substrato ou substância biológica que fundamente sua existência. O instinto natural pode ser visto como um tipo de saber é uma forma de proceder em relação ao mundo, mas enquanto humanos não temos esse saber, apresentamos outro tipo que é o precipitado cultural determinado chamado inconsciente e linguagem. Não existe, pois, natureza humana, somos artificiais, seres de linguagem. Somos falados desde antes do nascimento; somos incorporados nas instituições e dispositivos culturais antes mesmo de nascer e

bem depois de morrer, toda a nossa existência está inserida dentro da cultura. Mesmo a consciência só existe dentro de uma linguagem humana específica, somos uma espécie que depende do ato de criação das condições indispensáveis de sua existência.

Embora por natureza aberto, contingente, livre e sem natureza ao modo dos entes, a existência humana segue as diretrizes de sua época, pois, afirma o autor, cada sociedade acredita oferecer aos seus integrantes a única vida que vale a pena ser vivida, ensinando o que é ser humano; ensinando uma metafísica. Assim, parte importante do livro leva em consideração o modo de ser humano da modernidade enquanto subjetividade. O autor afirma que há dois tipos de individualizações: indivíduos que buscam seus próprios caminhos para a subjetivação e individualização, (onde pode haver o subversivo e o livre); e indivíduos para quem os caminhos irão ser impostos, uma individuação constantemente amarrada à sujeição, (o sujeito é objetificado pela ideologia). Ter subjetividade é incorporar os efeitos das sujeições do social.

Assim, o livro se desenrola para o tema fundamental da ideologia. A sua definição pode ser elaborada como: produção de desconhecimento da origem das instituições que tornam os sistemas de sociedade possíveis, sendo, por esse motivo, também uma eufemização da dominação. Ela nega o caráter construído da realidade. Através dela as culturas buscam “ratificar-se como única forma possível de realidade, pois natural e imodificável, e também como necessária, eterna e transcendente” (DE DE SOUP.268). As culturas tentam elaborar uma narrativa sobre as origens de suas instituições e do mundo e produzem a metafísica da origem, fundo de toda metafísica da substância. A ideologia mascara relações de poder em relações de sentido. O discurso ideológico visa mascarar a falta humana<sup>2</sup> e da própria sociedade; à sociedade falta unidade, identidade e homogeneidade:

O discurso ideológico está aí configurado nos seus próprios enunciados. O que uma análise desconstrucionista crítica pode desvelar não é o que permanece ‘escondido’ em tudo que se faz, mas os efeitos de sentido que as afirmações produzem, as representações que veiculam e procuram fixar como verdades e o modo como se articulam a outros sentidos socialmente compartilhados e, ainda, como os enunciados se tornam o fundamento de práticas sociais e de poder, sujeição, dominação, discriminação nas nossas sociedades. (DE SOUSA FILHO, 2017, p.308).

---

<sup>2</sup> “Falta” assume um sentido amplo, sendo não apenas a falta de especialização biológica como também sendo outro nome para a finitude humana, condenada a negatividade do fracasso de seus esforços.

O autor defende um perspectivismo segundo o qual não podemos saber o que algo é em si fora de uma perspectiva, de uma abordagem humana limitada<sup>3</sup>. Mas há algo que autoriza epistemologicamente, dando um ponto externo de referência extra-ideológico, a denunciar a ideologia, não vem da realidade (pois é construto social), mas do real recalcado dos antagonismos.

A crítica da ideologia não vem de uma posição de sujeito suposto saber, nem de acesso privilegiado a qualquer coisa, ou de ter representações das coisas mais exatas do que o teria a ideologia; a crítica não vem de qualquer posição substancial ou fundamentada, vem de um ponto vazio, negativo<sup>4</sup>. Esse lugar negativo é sustentado pela falta do sujeito, por aquilo que não se inscreve na dominação, por aquilo que foge sempre ao controle, um resto, um excesso que é a própria subjetividade em sua forma mais pura. Há também o sujeito do cuidado de si foucaultiano, que pode conduzir sua desujeição pelas práticas de si que são uma possibilidade de subjetivação crítica onde a busca por individualidade é unida a busca por liberdade e criação.

Consideramos que o construcionismo crítico enquanto ontologia social tem diversos pontos em comum com uma epistemologia crítica ou, a crítica da epistemologia, como a de Richard Rorty e Nelson Goodman. Porém, há pouco desenvolvimento na obra do que poderia ser a compreensão sobre o conceito de verdade, certeza, justificação, relação entre linguagem e estados de coisas e demais discussões que poderiam clarificar como se deve entender a própria verdade da teoria construcionista. De outro modo, poderia se deixar a questão: é apenas construção arbitrária e a teoria construcionista? Claramente o autor responderia que não. Também afirmaria que as teorias naturalizantes são falsas em relação às teorias construcionistas, mas a justificação dessas afirmações é de difícil apreensão apenas pela obra.

---

<sup>3</sup> Não é que o perspectivismo construcionista caia no relativismo absoluto, conforme o autor: “a crítica às pretensões de universalidade de certos discursos de verdade e de vários de nossas instituições não é uma invalidação da universalidade como tal e de ideias que carreguem consigo algum valor de universalidade [...] Se o construcionismo admite tudo como construção, tal não corresponde a admitir toda construção como válida, legítima em si mesma [...] É preciso relativizar universalizando e universalizar relativizando”. (DE SOUSA FILHO, 2017, p.383).

<sup>4</sup> Como a negatividade da ironia do filósofo edificante de Richard Rorty, como exposto na obra do autor em “a filosofia e o espelho da natureza”. (Rorty, 1995, p.193).

## Referências

RORTY, Richard. **Filosofia e o espelho da natureza**. Trad. Antonio Trânsito; revisão César Ribeiro de Almeida. Rio de Janeiro: Relume-Dumará 1995.

Recebido: 27 Nov 2020  
Aceito: 31 Mar 2021